

# Brasil lidera países pobres

WASHINGTON — Nas reuniões dos comitês Interino e de Desenvolvimento metade dos participantes é constituída por representantes de países ricos e a outra metade de países em desenvolvimento. Como os ricos têm a maior parte das cotas nas duas instituições, eles poderiam simplesmente impor seus pontos de vista. Mas como a maioria dos países membros é pobre, suas opiniões precisam ser também levadas em conta.

Os encontros são realizados anualmente no início da primavera no Hemisfério Norte, na sede do FMI, um edifício com impressionante átrio interno de 13 andares sempre cheio de luz, graças ao telhado de vidro. Seis meses depois, no início do outono, realiza-se a Assembleia de Governadores, da qual mais de 130 ministros de finanças participam.

Antes das reuniões plenárias dos comitês, tanto os ricos quanto os pobres combinam entre si as posições que irão adotar mais tarde. Os ricos têm vários grupos, começando do mais fechado, o G-3, constituído pelos Estados Unidos, Japão e Alemanha, o G-5, onde entram a França e a Inglaterra, o G-7, em que são acrescentadas a Itália e o Canadá, até

chegar ao G-10, que abrange a Bélgica, Austrália e Holanda. Por sua vez, os países pobres coordenam suas posições no Comitê dos 24 que neste ano será presidido pelo Brasil.

As discussões começam por um debate sobre as perspectivas da economia mundial para este ano, com base num documento elaborado por economistas do FMI e do Banco Mundial. Elas sempre acabam indicando os tipos de ajustamento de política econômica necessários tanto por parte dos países industrializados quanto pelas nações em desenvolvimento a fim de assegurar o crescimento a médio prazo. Eles também discutem a situação dos países que sofrem a crise da dívida externa, buscam consenso quanto às medidas de alívio que podem ser tomadas tanto pelo FMI quanto pelo Banco Mundial.

Na agenda do ministro brasileiro estão encontros privados com o secretário de Tesouro, James Baker, com o presidente do Banco Central americano Alan Greenspan, com o diretor-gerente do FMI, Michael Camdessus, e o presidente do Banco Mundial, Dauher Cohable. (R. G.).